



Turismo em Moçambique: oportunidades, desafios e riscos
Tourism in Mozambique: opportunities, challenges and risks

José Julião da Silva

Universidade Pedagógica de Maputo

Resumo

Sob o título *Turismo em Moçambique: oportunidades desafios e riscos*, desenvolve-se uma reflexão com o propósito de a partir de um espaço de recepção concreto pôr em evidência as oportunidades, desafios e riscos associados ao desenvolvimento do turismo. Para o efeito recorreu-se a uma revisão bibliográfica e documental e procedeu-se à interpretação dos mesmos. Os resultados do estudo revelam que o potencial turístico de Moçambique constituído por elementos naturais e construídos está muito associado à sua localização geográfica. As oportunidades para o desenvolvimento do turismo são imensas e foram percebidas pelos turistas, agentes económicos e pelo estado. O Estado interessado no desenvolvimento elegeu o turismo entre os sectores prioritários ao lado da agricultura, infraestruturas e energia. No entanto, para o aproveitamento dessas oportunidades, os diferentes actores enfrentam alguns desafios. A localização geográfica que constitui uma das principais forças de Moçambique associada à disposição do relevo, constitui igualmente um importante factor de vulnerabilidade, pois o país, está sujeito à influência do canal de Moçambique, responsável pela ocorrência de situações adversas como ciclones, cheias e inundações, o que tem posto em causa os investimentos feitos em infraestruturas em geral e nas facilidades turísticas em particular, colocando em risco os investimentos e o desenvolvimento da actividade. A lógica económica tem pesado na decisão dos investidores, facto que tem sido responsável pelo aprofundamento das desigualdades espaciais. Além disso, o facto de se tratar essencialmente de investimentos estrangeiros e o turismo internacional ser dominante, não permite a maximização dos ganhos, além de ser uma condição que aprofunda a dependência em relação ao exterior.

Palavras-chave: Turismo em Moçambique, oportunidades, desafios, riscos

Abstract

Under the title *Tourism in Mozambique; opportunities challenges and risks*, a reflection is developed with the purpose of highlighting the opportunities, challenges and risks associated with the development of tourism from a concrete reception space. For this purpose, a bibliographic and documentary review was used and they were interpreted. The results of the study reveal that Mozambique's tourist potential consisting of natural and constructed elements is closely associated with its geographical location. The opportunities for the development of tourism are immense and have been perceived by tourists, economic agents and the state. The state interested in development has chosen tourism among the priority sectors alongside agriculture, infrastructure, and energy. However, to make use of these opportunities, the different actors face some challenges. The geographical location that constitutes one of the main forces of Mozambique associated with the disposal of the relief, is also an important factor of vulnerability, because the country, is subject to the influence of the Mozambique channel, responsible for the occurrence of adverse situations such as cyclones, floods and floods, which has called into question the investments made in infrastructures in general and tourist facilities in particular, putting investments and the development of the activity at risk. Economic logic has weighed on investors' decisions, which has been responsible for deepening spatial inequalities. Moreover, the fact that these are essentially foreign investments and international tourism is dominant, it does not allow the maximization of gains, and is a condition that deepens dependence on the outside world.

Keywords: Tourism in Mozambique, opportunities, challenges, risks

1. Introdução

A actividade turística nos últimos anos tem sido de extrema importância no que diz respeito ao desenvolvimento e crescimento da economia mundial, detendo actualmente grande parte do PIB de muitos países que têm melhorado suas condições económicas em decorrência do avanço que o sector tem proporcionado. No decurso dos últimos decénios, sobretudo a partir do último quartel do século passado, o turismo internacional tornou-se numa das primeiras actividades económicas do mundo, tornando-se determinante em alguns países. Como sublinhou Amalou⁶², “*o desenvolvimento da observação e da pesquisa mostra bem, que a quase totalidade das regiões e das populações mundiais está exposta ao fenómeno turístico, claro que em níveis variáveis*”. Um aspecto

⁶² AMALOU, Pierre (dir.) *Tourisme éthique et développement*, Paris: L'Harmattan, 2001, 97

interessante dessa expansão reside no facto de os movimentos turísticos, fenómeno privilegiado dos países desenvolvidos, estar a orientar-se, cada vez mais, para os países em desenvolvimento. Com efeito, Da Silva⁶³ citando dados da OMT, refere que o continente africano conheceu, em 2005, o crescimento mundial mais forte, estimado em cerca de 10%, mantendo-se, no entanto, como um “parente pobre do turismo mundial”, com chegadas internacionais e receitas resultantes que representam apenas cerca de 4% do total mundial. Esta progressão atinge de forma desigual as diferentes regiões africanas, com a África Subsaariana a destacar-se, com mais de 13%. Entre os países que conheceram resultados particularmente fortes destacam-se Quênia (+31%) e Moçambique (+37%). Estes dados ilustram a importância crescente do turismo neste continente. Talvez, por isso, para muitos responsáveis políticos e económicos, o sector de turismo parece vital, tanto mais que sentem o apoio de organismos internacionais “...estamos em face de um factor activo de integração (EU) ou um instrumento de paz (NU, OMT)”⁶⁴.

Ademais, desde 1999 que a OMT não cessa de promover o turismo como instrumento de luta contra a pobreza nos países menos avançados (PMA). Moçambique não constitui excepção. Com efeito, a criação do Ministério do Turismo, a formulação de políticas para o sector e a indicação de áreas prioritárias para o desenvolvimento da actividade são evidências reveladoras do engajamento do Governo de Moçambique, da crença que tem no sector e da grande expectativa que tem sobre participação do mesmo no desenvolvimento, primeiro das áreas onde ele se instala e depois de Moçambique em geral.

Convém, também, referir que o turismo foi definido pelo Governo moçambicano como uma área prioritária para a diversificação da economia do país, ao lado da agricultura, da energia e das infraestruturas. Relativamente ao turismo argumenta-se que Moçambique possui um potencial rico para se tornar um destino turístico de nível regional e internacional, devidas as suas vantagens comparativas. O potencial para o desenvolvimento do turismo em Moçambique é interessante e diversificado, sendo que os documentos oficiais e estudos sobre o turismo em evidenciam por um lado as matérias naturais e elementos culturais.

“Moçambique é dotado de um grande potencial turístico assente nos seus recursos naturais e culturais, que inclui: vida marinha, com excelentes praias, baías e lagoas ao longo de toda sua costa de 2,700 km; um mosaico cultural único que reflecte uma fusão Africana-Portuguesa-Asiática-Árabe; Áreas de conservação da natureza, tais como Parques e Reservas Nacionais, e Áreas Marinhas Protegidas; proximidade do maior centro de entrada aéreo da África Austral, Joanesburgo e aos mercados regionais de turismo de relevo”⁶⁵

Constitui pretensão deste trabalho desenvolver uma reflexão sobre as oportunidades,

⁶³ DA SILVA, Jose, *Tourisme et développement : les enjeux au Mozambique*. Thèse de Doctorat de Géographie, Université de Poitiers, Poitiers, 2007.

⁶⁴ BEAUJEU-GARNIER J. *Images économiques du monde, 1993-1994*, Paris, SEDES, 1993, 7

⁶⁵ Ministério da Cultura e Turismo de Moçambique, *Plano Estratégico para o Desenvolvimento de Turismo*, 2015.

desafios e riscos associados ao processo de desenvolvimento do turismo num espaço receptor, onde se produz o espaço turístico. Trata-se de Moçambique, um país em Desenvolvimento, que aposta no turismo como um dos seus pilares prioritários de desenvolvimento. Trata-se de um estudo relevante que pode ajudar a compreender o papel, a validade e a participação do turismo no desenvolvimento de Moçambique. O desenvolvimento desta reflexão, apoiou-se numa revisão bibliográfica e documental sobre o assunto em pauta, que serviram de referência e suporte para identificar, ler e interpretar as oportunidades, desafios e riscos envolvidos no processo de *turistificação* de Moçambique. Entre as questões norteadoras do estudo podem apontar-se as seguintes: qual a justificação do interesse do governo de Moçambique ao engajar-se fortemente no turismo? Quais as oportunidades e desafios? Que riscos estão envolvidos no processo de desenvolvimento do turismo?

Para além da introdução e das conclusões, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: começa-se por apresentar brevemente os conceitos-chave para clarificá-los; em seguida faz-se uma apresentação breve de Moçambique, procurando-se evidenciar as potencialidades turísticas de Moçambique; apresenta-se depois um histórico breve do turismo e discutem-se as oportunidades, desafios e riscos do turismo em Moçambique.

2. Clarificação de conceitos

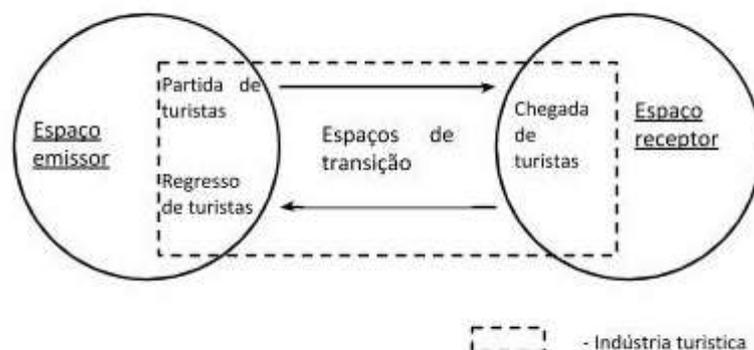
Parece-nos prudente que clarifiquemos os conceitos-chave que serão objecto da reflexão que pretendemos desenvolver, designadamente, turismo, oportunidade, desafio e risco.

Turismo

Antes de mais, convém que precisemos o sentido acordado ao conceito de turismo. Segundo Pearce⁶⁶ falar de turismo é falar de pessoas e de lugares. Assim, por um lado, temos turistas e os outros intervenientes no processo, isto é, todos aqueles que tornam a viagem possível (transportadores, agentes de viagem, trabalhadores dos hotéis...) e, enfim, todas as pessoas com as quais os turistas entram em contacto, directa ou indirectamente. Por outro lado, temos os lugares de partida, onde se encontra o aparelho que deve assegurar a mobilização e organizar a partida de turistas; os lugares de destino a serem visitados, ou seja o lugar das práticas turísticas, onde estão as infraestruturas de recepção e os serviços de acolhimento e, naturalmente, o espaço entre estes dois lugares, que constitui a área ou o espaço de percurso ou de ligação. O turismo é, assim, espacialmente complexo, revestindo-se de um aspecto tríplice: áreas emissoras (de dispersão), áreas de deslocamento e áreas de recepção (de atracção), com implicações territoriais específicas em cada uma delas.

⁶⁶ PEARCE, Douglas. *Géographie du tourisme*. Paris: Nathan, 1993.

Figura 1: Esquema do Espaço Turístico



Autoria: adaptado de BONIFACE, B.G. e COOPER, C.P.⁶⁷

Para Duhamel e Sacareau⁶⁸, o turismo é uma actividade humana, fundada no deslocamento, “isto é, literalmente uma mudança de lugar e, por “extensão geográfica” uma mudança “d’habiter”. Isto significa que ser turista e fazer o turismo implica deixar temporariamente o lugar de vida habitual para ir viver num outro lugar situado fora da esfera da sua vida quotidiana. “A deslocação opera uma descontinuidade que permite um outro modo de habitar dedicado à recreação”⁶⁹ Assim, parece não haver dúvida que é o turista que põe em movimento o sistema turístico pelo movimento que realiza entre a sua região de origem e o destino turístico. Quer dizer que tudo começa pela decisão do turista viajar. Decisão que é influenciada por diversos factores, entre os quais, motivações pessoais, a imagem que tem dos potenciais destinos turísticos, vantagens comparativas entre diferentes destinos, entre outros.

Uma forma comum de abordar o conceito de turismo é através da distinção dos seus dois focos: a demanda e a oferta. O primeiro tem como foco as “actividades das pessoas que viajam para locais que estejam fora de seu ambiente rotineiro por motivos de lazer, negócios e outros e que neles permaneçam por não mais do que um ano consecutivo”⁷⁰. Enquanto a definição baseada na oferta é que “a actividade turística consiste em todas aquelas empresas, organizações e

⁶⁷ BONIFACE, B.G. e COOPER, C.P. The geography of travel and tourism, Oxford: Butterworth-Heinemann, 1993.

⁶⁸ DUHAMEL Ph., e SACAREAU I.E. tourisme dans le monde, Coll. Prépas, Paris: Armand Colin, 1998.

⁶⁹ EQUIPE MIT, Tourisimes 1, Lieux communs, Coll. Mappes Monde, Paris: Belin. 2002.

⁷⁰ OMT - Organización Mundial del Turismo, Concepts, Definitions and Classifications for Tourism Statistics: a Technical Manual, Madrid, 1995.

instalações que se propõem servir às necessidades e aos desejos específicos dos turistas”⁷¹. Segundo Cooper *et al* ⁷², a demanda turística está intimamente ligada ao comportamento do consumidor. Sendo assim, não existem dois indivíduos iguais, e as diferenças de atitude, percepções, imagens e motivação proporcionam uma forte influência nas decisões sobre viagens. Os factores não funcionam isoladamente. Um deles, com o qual a demanda se relaciona de forma inversa, é o próprio preço dos bens ou serviços turísticos.

De acordo com Carvalho e Vasconcellos⁷³ (2006), preços elevados coíbem a demanda turística; preços baixos provocam aumento da procura. A renda disponível do consumidor é também um factor forte de influência, assim como o preço de outros bens e serviços turísticos substitutos ou complementares. Com efeito, como refere Cooper⁷⁴ (2001) são as atracções que fazem os turistas desejar visitar os lugares. Por sua vez, a procura modifica a estrutura e o carácter do destino pela geração de ofertas. A selectividade das necessidades citada por Carvalho e Vasconcellos⁷⁵ é um outro factor que afecta o comportamento da procura turística. Segundo os autores referidos nos parágrafos anteriores, o turismo é considerado um bem de luxo e o consumidor ao actuar racionalmente priorizará o consumo de bens ou serviços indispensáveis.

Em suma, o turismo supõe, portanto, deslocação e estadia. A estadia de um turista deve ser de no mínimo 24 horas no lugar de visita e não deve exceder um certo tempo, para além do qual o indivíduo perde a sua categoria de turista, pois a deslocação será então assimilada a uma mudança de residência, o que toca um outro domínio, o das migrações. Actualmente a duração dos vistos de turismo varia até um máximo de 6 a um ano.

Oportunidade

Uma oportunidade não é nada mais nada menos que uma ocasião favorável. Uma oportunidade é vista como um acontecimento oportuno capaz de alterar para melhor o estado actual de algum elemento. Uma situação nova que traga benefícios. O dicionário de língua portuguesa define oportunidade como “qualidade de oportuno, ocasião favorável, ensejo”.⁷⁶ Ao falar-se de oportunidade ligada ao turismo, podem-se considerar duas vertentes: uma sobre as oportunidades que o turismo como sector (ou actividade) tem num destino turístico; outra sobre as oportunidades

⁷¹ LEIPER, N. The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*, vol.6. 4. (pp 390-407). Department of habitational Resources, University of Wisconsin-stout, 1979.

⁷² COOPER, C. *Turismo; princípios e práticas*. 2. Ed. Porto Alegre (RS): Bookman, 2001.

⁷³ CARVALHO, Luís Carlos Pereira de; VASCONCELLOS, Marco António Sandoval de. *Introdução à economia do turismo*. São Paulo: Saraiva, 2006.

⁷⁴ COOPER, C. 2001, Op. Cit.

⁷⁵ CARVALHO, Luis Carlos Pereira de; VASCONCELLOS, Marco António Sandoval de. 2006, Op. Cit.

⁷⁶ COSTA, J. Almeida e Melo, A. Sampaio, *Dicionário da língua portuguesa*, 6ª edição, Porto editora,

criadas pelo turismo para os diferentes intervenientes. Assim ao falarmos de oportunidades do turismo temos como foco os destinos turísticos, ou seja, os locais das práticas turísticas. Ora aqui, encontram-se diferentes actores envolvidos, uns mais e outros menos directamente, uns activos e outros mais reactivos. A nossa atenção está virada para os actores locais, ou seja, para a população dos destinos turísticos, para o governo e quiçá, para os investidores turísticos. A noção de oportunidade remete-nos à expressão *sentido de oportunidade* que significa a capacidade de fazer uma coisa adequada no momento oportuno. O que não quer dizer, nada mais nada menos que saber aproveitar a oportunidade.

Desafio

A maior parte dos dicionários apresenta como sinónimos de desafio, palavras ou termos como acto ou efeito de desafiar, provocação, disputar, competir, instigar alguém para realizar alguma coisa, normalmente, além das suas competências ou habilidades. Neste estudo, usá-la-emos no sentido de barreira ou obstáculo a ser ultrapassado. Assim quando se usa a expressão existem desafios, quer significar que existem barreiras que precisam de ser ultrapassadas. Na prática, significa que existem oportunidades cujo aproveitamento passa pelos diferentes actores superarem obstáculos ou barreiras, ou seja, têm que transpor desafios para que os objectivos ou metas sejam atingidos. Ora, tanto no processo de aproveitamento das oportunidades como na ultrapassagem das barreiras, estão presentes riscos de vária natureza.

Risco e vulnerabilidade

No dicionário de língua portuguesa, entre vários significados para o termo risco apresenta: “*estar exposto a...*”, “*exposto a todos os perigos*”⁷⁷. Ao falar de risco, queremos-nos referir a probabilidade de algo acontecer. Trata-se da probabilidade de um evento acontecer, seja ele uma ameaça no caso de ser negativo, ou oportunidade, quando positivo. É o resultado obtido pela efectividade do perigo. A noção de risco remete-nos ao de vulnerabilidade que Smith⁷⁸, citando Timmerman, define para escala da sociedade ou comunidade como o grau em que um sistema, ou parte do sistema, pode reagir negativamente à ocorrência do evento perigoso.

O conceito de vulnerabilidade, como risco e perigo, indica um possível estado futuro. Implica uma medida de risco combinado com uma relativa incapacidade de lidar com o stress resultante⁷⁹. Já para para Braga *et al*⁸⁰ a vulnerabilidade pode ser descrita como incapacidade de

⁷⁷ COSTA, J. Almeida e Melo, A. Op. Cit,

⁷⁸ SMITH, J. & LAZO, J. 2001. A Summary of Climate Change Impact Assessments from the U.S. Country Studies Program. Climatic Change, 50, 1-29.

⁷⁹ Idem

⁸⁰ BRAGA *et al.* Avaliação de metodologias de mensuração de risco e vulnerabilidade social a desastres naturais

uma pessoa, sociedade ou grupo populacional de evitar o perigo ou ao facto de ser forçado a viver em certas condições de perigo. Por seu turno, de acordo com Hahn *et al*⁸¹, a vulnerabilidade de um grupo de pessoas depende do grau a que é exposto à alteração externa, incluindo stress ambiental ou sociopolítico, sua sensibilidade ou o grau em que é afetado devido à exposição e sua capacidade de adaptação ou a capacidade de fazer alterações necessárias para evitar as consequências negativas.

A vulnerabilidade deve ser analisada tomando em conta três componentes principais: fragilidade ou exposição, susceptibilidade ou sensibilidade e resiliência ou capacidade adaptativa. Sendo que a fragilidade ou exposição, é a componente física e ambiental da vulnerabilidade, que define em que medida um grupo populacional é susceptível de ser afectado por um fenómeno perigoso em função da sua localização em área de influência do mesmo, e devido à ausência de resistência física à sua propagação.⁸² Este mesmo autor citando o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) afirma que a exposição é usada para referir a presença de pessoas, meios de subsistência, serviços e recursos ambientais, infraestrutura, ou activos económicos, sociais ou culturais em locais que possam ser negativamente afectados por eventos físicos. Por seu turno, a susceptibilidade é a componente socioeconómica e demográfica, que condiciona a predisposição de um grupo populacional de sofrer danos face a um fenómeno perigoso. E a resiliência é a componente comportamental, comunitária e política, que condiciona a capacidade de um grupo populacional submetido a um fenómeno perigoso de absorver o choque e se adaptar para voltar a um estado aceitável⁸³.

3. Generalidades sobre Moçambique, nosso espaço de observação

Neste ponto, faz-se uma breve apresentação de Moçambique, onde, para além de evidenciar as suas particularidades e potencialidades naturais e culturais, põem-se em realce os seus aspectos mais e menos favoráveis para o turismo. Moçambique, país em Desenvolvimento, antiga colónia portuguesa, com cerca de 800 000 km² de superfície, localiza-se na chamada região da África Austral, sendo banhado pelo oceano Indico numa extensão de cerca de 2500 km. Os pontos extremos Norte e Sul estão separados por cerca 1800 km, contra 963 km entre os extremos Este e Oeste. A menor largura, ao Sul do país tem cerca de 50 km de comprimento⁸⁴. Partindo do Sul, o

associados à mudança climática. São Paulo: em Perspectiva, 2006

⁸¹ HAHN, M. B., RIEDERER, A. M. & FOSTER, S. O. The Livelihood Vulnerability Index: A pragmatic approach to assessing risks from climate variability and change—A case study in Mozambique. *Global Environmental Change*. 2009

⁸² BRAGA et al. 2006, Op. Cit.

⁸³ Idem

⁸⁴ MUCHANGOS, A. Moçambique, paisagens e regiões naturais, Maputo, INDE, 1999.

território vai-se alargando em direcção ao Norte, chegando à região central, o país sofre uma bifurcação, com uma parte a avançar em direcção ao Oeste e outra ao Norte, ficando com uma configuração semelhante à letra y, com o braço direito mais alongado (Figura 2). Ora, essa configuração e localização geográficas, colocam Moçambique numa posição vantajosa relativamente aos seus vizinhos do interior, sem contacto imediato com o mar, pois ele acaba por assumir a função de porta de entrada e de saída para aqueles países.

Moçambique procurou sempre tirar proveito desta vantagem com o desenvolvimento do sector ferro-portuário e dos transportes em geral, tendo instalado portos de importância regional, designadamente, de Maputo, da Beira e de Nacala que constituem portas de entrada para os países do *hinterland*. Pode-se afirmar que, em grande medida, a importância regional de Moçambique ficou a dever-se, em primeiro lugar, a essa localização geográfica privilegiada. No entanto, esta localização apresenta alguns inconvenientes, entre os quais o de funcionar como um escoadouro natural das águas do interior, função facilitada pela disposição do relevo. Com efeito, o relevo de Moçambique apresenta-se em forma de escadaria, isto é, a altitude vai-se degradando do interior para a periferia, sucedendo-se montanhas, planaltos e planícies. Ademais, os rios correm, no sentido Oeste- Este, o que quer dizer que vão desaguar no oceano Índico. Ora, este facto, faz com que áreas de Moçambique, sobretudo as mais baixas, estejam em algumas alturas do ano, sujeitas a inundações e cheias, fenómeno, que é particularmente visível, na época chuvosa que em geral inicia em Outubro e tem o seu término em Abril, com o pico entre Dezembro e Fevereiro.

A situação astronómica de Moçambique faz com que ao longo do ano a diferença de duração entre o dia e a noite seja muito reduzida, o que explica a relativa constância das suas condições térmicas. Assim, compreende-se que a temperatura não seja o elemento mais importante na regionalização climática de Moçambique, esse papel é desempenhado pela pluviosidade e pela circulação geral da atmosfera⁸⁵. Com efeito, verifica-se a existência de dois períodos distintos, respectivamente de fraca e de forte pluviosidade. Ao mesmo tempo, decrescem de maneira geral de Norte para Sul, tanto em termos de quantidade como na duração do período de chuva. Essas diferenças são, sem dúvida, responsáveis pela humidade, regime hídrico, água do solo, vegetação.

Localizando-se na região intertropical, tropical é o tipo de clima dominante, com algumas *nuances* resultantes de particularidades geográficas como a altitude ou a continentalidade. Convém acrescentar que o clima em Moçambique é largamente influenciado pelas águas marítimas da corrente das Agulhas e pela grande proximidade de ciclones tropicais que sopram principalmente do Norte ao Sul do país. A temperatura do ar atmosférico aumenta com a latitude e com a distância

⁸⁵ MUCHANGOS, A. 1999, Idem.

para o interior, sendo a temperatura média anual cerca de 23°C e 26°C, nas zonas costeiras da região sul e norte, respectivamente. A época chuvosa estende-se de Novembro a Abril, especialmente quando a zona de convergência intertropical está na sua posição mais meridional na parte Norte do país. A precipitação média total varia de valores inferiores a 400 mm, em Pafuri na Província de Gaza, até valores superiores a 2.000 mm, em Tacuane na Província da Zambézia⁸⁶.

A costa moçambicana tem cerca de 2500 km de extensão banhada pelo oceano Índico. Trata-se de uma costa alta e rochosa ao Norte e relativamente baixa e arenosa a Sul, apresentando-se muito recortada, com saliências, reentrâncias, arquipélagos e ilhas, sobretudo no terço norte. Planícies e planaltos constituem as formas de relevo predominantes, ocupando mais de 2/3 do território de Moçambique. A região Sul é constituída quase na sua totalidade por planícies que se estreitam no centro, para ocupar apenas uma estreita faixa costeira na região norte. Já na região norte predominam planaltos. As maiores elevações verificam-se ao longo dos limites fronteiriços do noroeste e oeste.

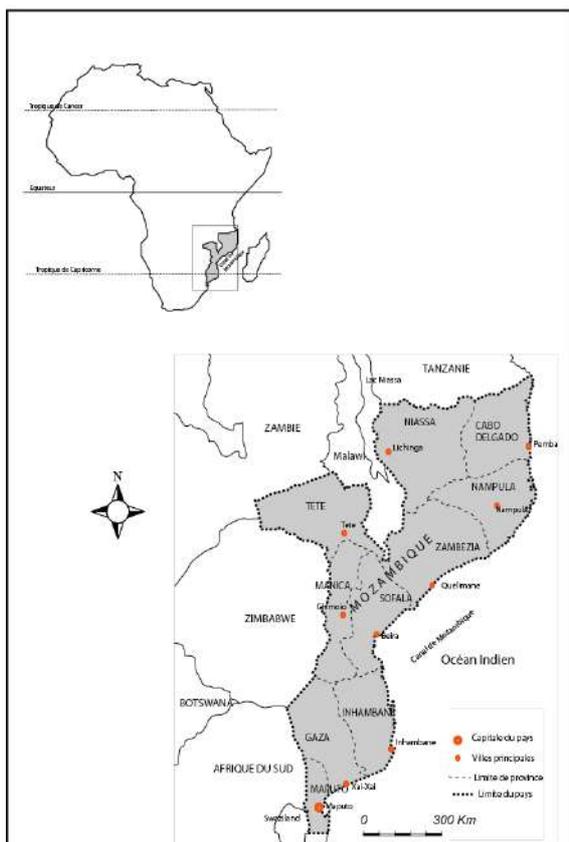


Figura 2. Localização Geográfica de Moçambique

Autoria: Da Silva (2007)⁸⁷

⁸⁶ INGC, Relatório Principal: Relatório do INGC sobre Alterações Climáticas: Estudo do Impacto das Alterações Climáticas no Risco de Desastres em Moçambique. Iv: ASANTE, K., BRUNDRIT, G., EPSTEIN, P., FERNANDES, A., MARQUES, M.R., MAVUME, A, METZGER, M., PATT, A., QUEFACE, A., SANCHEZ DEL VALLE, R., TADROSS, M., BRITO, R. (eds.). INGC, Moçambique, 2009.

⁸⁷ DA SILVA, José. 2007, Op. Cit.

Do ponto de vista da morfologia, constata-se a existência do relevo disposto em escadaria, degradando-se do interior para a costa e do Norte para Sul. A localização geográfica, associada às características morfológicas e climáticas asseguram a existência de uma grande diversidade biológica, constituída por uma fauna e flora muito diversificada. Assim, Moçambique conta com uma rede de áreas de conservação, entre parques nacionais, reservas nacionais e coutadas de caça. Além disso conta com alguns parques transfronteiriços, mais importante dos quais o parque transfronteiriço do Limpopo (Tabelas 1 e 2)

Tabela 1: Parques Nacionais Moçambicanos: localização, ano de criação e superfície

Parques Nacionais			
Província	Designação	Ano de Criação	Área (km²)
Cabo Delgado	Parque Nacional das Quirimbas	2002	7500
Sofala	Parque Nacional de Gorongosa	1960	(Área central) 3770 (Área tampão) 1600
Inhambane	Parque Nacional de Zinave	1973	6,000
	Parque N. do Arquipélago de Bazaruto	1971	1,600
Gaza	Parque Nacional do Limpopo	2001	10,000
	Parque Nacional de Banhine	1973	7,000
Total			37,470

Fonte: Ministério da Cultura e Turismo de Moçambique (2015)⁸⁸

Tabela 2. Reservas Nacionais Moçambicanas: localização, ano de criação e superfície

Reservas Naturais			
Província	Designação	Ano de Criação	Área (km²)
Niassa	Reserva do Niassa	1964	Área central = 15,000 zona tampão = 17,000
Zambezia	Reserva do Gile	1960	2,100
Sofala	Reserva de Marromeu	1960	1,500
Manica	Reserva de Chimanimani	2000	7,500
Inhambane	Reserva Nacional de Pomene	1964	200
Maputo	Reserva especial de Maputo	1960	700

Fonte: Ministério da Cultura e Turismo de Moçambique (2015)⁸⁹

⁸⁸ Ministério da Cultura e Turismo de Moçambique, Plano Estratégico para o Desenvolvimento de Turismo, 2015.

⁸⁹ Idem

Administrativamente, Moçambique é constituído por 10 províncias, mais a capital, Maputo que tem estatuto de província (Figura 1). Maputo a capital localiza-se na chamada região Sul do país, tem uma localização muito excêntrica. O país conta com 27.909.798 habitantes, dos quais 13.416.859 homens e 14.492.939 mulheres, correspondendo a uma taxa de masculinidade de 93,5%⁹⁰. Trata-se de uma população relativamente jovem, com a idade mediana de 16,6%. Cerca de 50% da mesma está na faixa etária de 15 – 54 anos, a população com mais de 65 anos é de 3,3%⁹¹. A população urbana é de 33,4% e a rural de 66,6%. (INE, 2019). Aproximadamente 2/3 da população vive na zona costeira e ganha a sua subsistência à custa dos recursos ali existentes (UNCED, 1992). A principal razão de atracção da população para a zona costeira está relacionada com o acesso facilitado aos recursos, existência de oportunidades, se considerarmos que as principais cidades, serviços e indústrias tais como turismo, comércio e portos estão localizados na zona costeira. A densidade populacional nas zonas costeiras é cerca de 120 habitantes por km², contra o valor médio do país de 2 habitantes por km².

No que respeita à distribuição da população pelos sectores de actividade, constata-se que 66,8% está afectada ao sector primário, enquanto apenas 4,5% está afectada ao sector Secundário. Já o sector terciário que está em franco crescimento detém 12,9% da população⁹². Assim, a economia de Moçambique é assegurada sobretudo pela exploração de seus recursos naturais e por uma agricultura desenvolvida essencialmente em moldes artesanais. Trata-se de uma agricultura de natureza familiar, fortemente dependente das condições ambientais. Outra fonte a não ser negligenciada é o das infraestruturas ferro-portuárias, já referidas.

As condições de vida em geral, ainda são bastante precárias, com níveis de pobreza ainda elevados. O nível de analfabetismo é de cerca de 40%, sendo maior na zona rural com cerca de 50%. O acesso à água potável ainda é muito limitado, sendo que os dados do último censo revelam que 51,3% da população recorre a fontes de água não seguras. No que a energia eléctrica diz respeito, a mesma fonte refere que 22,2% tem acesso à rede pública de energia⁹³.

4. Turismo em Moçambique: oportunidades, desafios e riscos

Há uns anos, o turismo tornou-se um elemento preponderante da política de desenvolvimento de Moçambique. A actividade suscita grande esperança no seio deste território em situação difícil, ela continua, no entanto, pesada de consequências para o espaço em causa, agindo

⁹⁰ INE, Instituto Nacional de Estatísticas, Anuário Estatístico 2018, Maputo, 2019

⁹¹ Idem

⁹² Idem

⁹³ Idem

tanto no plano espacial como humano. O turismo transforma as relações existentes, ele age sobre a paisagem, economia e sociedade.

Moçambique, país em desenvolvimento, classificado entre os países mais pobres possui potencialidades económicas interessantes. O turismo internacional jogando o papel de motor de desenvolvimento interessa pelos seus aportes económicos e sociais, nomeadamente os mais evidentes e mais directos: criação de emprego, a possibilidade para os habitantes fazerem crescer as suas rendas e nível de vida, pelos ganhos secundários sobre os outros sectores. Segundo os discursos governamentais, o turismo deve permitir uma melhoria do bem-estar da população do país em geral e sobretudo da população dos espaços em causa. Trata-se de um turismo essencialmente de proximidade, já que o grosso dos fluxos é proveniente dos países vizinhos, especialmente da África do Sul, de onde, aliás, é proveniente o grosso dos investimentos no sector.

Histórico breve do turismo em Moçambique

Uma actividade turística mais ou menos intensa marcou o passado de Moçambique, mais precisamente o período colonial. Nos anos 50 foram criados os primeiros centros de informação e turismo e em 1962, estabeleceram-se as primeiras 18 zonas turísticas, que foram acrescidas para 26 no ano de 1972⁹⁴. Dados disponíveis indicam um fluxo anual médio de cerca de 200 000 entradas entre 1962 e 1971, em proveniência sobretudo dos países vizinhos, nomeadamente África do Sul e Rodésia do Sul (actual Zimbabuê) e igualmente de Portugal, país colonizador ⁹⁵.

Depois da independência nacional, em 1975, a orientação política inibiu o desenvolvimento turístico. O turismo era visto como uma actividade de elite, o que se opunha aos princípios ideológicos, pois ele representava um risco de “poluição capitalista”. A essas mudanças juntou-se a guerra civil desencadeada alguns anos depois da Independência, provocando a degradação e a destruição de muitas infraestruturas.

A partir dos anos 90, com o fim da guerra e as novas orientações do governo, Moçambique aparece nos *mídia* internacionais como um país destruído pela guerra, virgem e ávido para o desenvolvimento, um exemplo de transição pacífica para a democracia. Esta imagem atraiu a atenção dos países vizinhos, sobretudo sul-africanos e portugueses residentes na África do Sul, mas igualmente Moçambicanos que viviam no estrangeiro⁹⁶. Em geral eram indivíduos que tinham algum conhecimento de Moçambique.

No início desta fase, os visitantes provenientes da África do Sul vinham por sua própria iniciativa. Era o tempo em que “*Moçambique era para os que chegassem em primeiro lugar*”, “os

⁹⁴ GUAMBE, José. Turismo na zona Costeira de Inhambane. Maputo: UEM, 2007.

⁹⁵ DA SILVA, Jose. 2007, Op. Cit.

⁹⁶ Idem

terrenos baratos, é só fazer o pedido”. Tratava-se de aventureiros que procuravam as melhores oportunidades: tatear a agricultura, o comércio. A maior parte encontrava no turismo um negócio mais seguro, com a instalação de bares, de restaurantes, de estações turísticas nas praias. Assim, começa a instalação espontânea e desordenada de pequenos hotéis, campings sem controlo e sem condições mínimas de segurança. O título de propriedade era geralmente acordado não por uma autoridade competente, mas por uma cadeia de funcionários, cada um deles dando uma “mãozinha” para se fazer obter a concessão de terreno⁹⁷.

Neste processo, sem organização nem intervenção das autoridades oficiais, os investidores eram aparentemente os únicos beneficiários, o que faz vir ao de cima a questão do lugar e da validade do turismo para o desenvolvimento do país. Pode-se considerar este período como um momento de desenvolvimento espontâneo e, por consequência, desorganizado do turismo. A ocupação do espaço realizou-se sem o mínimo de planificação, obedecendo à única lei do proveito imediato, prevalecendo a lógica económica. Nesse quadro de implantações desordenadas, fruto da ausência de planificação, conflitos diversos emergiram entre os estrangeiros e os locais, acompanhados de efeitos sobre as paisagens e sobre o ambiente em geral, o que ameaça o desenvolvimento do próprio turismo.

Os efeitos desse processo tiveram, no entanto, o mérito de atrair a atenção das autoridades competentes sobre o papel e a importância do turismo, pois a amplitude da retomada da actividade foi significativa: se em 1995, a frequência era estimada a cerca de 160 000 turistas, Moçambique registou dois anos depois cerca de 300 000 turistas⁹⁸ e em 2001 atingiu 400 000⁹⁹. No mesmo período, a capacidade de alojamento passou de 7500 a 8500 para atingir cerca de 12.200 camas em 2001. Dados mais recentes revelam que o país contou com 1,9 milhões de visitantes em 2013 para um total de cerca de 39.000 camas¹⁰⁰.

Assim, definiu-se o turismo como sector para maximizar a entrada de divisas e geração de empregos, bem como reforço do desenvolvimento regional e de distribuição dos respectivos benefícios por todas as zonas do país, e principalmente como instrumento de projecção da imagem prestigiosa de Moçambique no exterior. Em 2003, foi aprovada a Política Nacional de Turismo, através da resolução nº 4 de 4 Abril do mesmo ano. Esse instrumento jurídico serve de base legal para orientar o sector de Turismo na República de Moçambique. Para operacionalização dos preceitos plasmado no Plano Nacional de Turismo, aprovou-se em 12 de Abril de 2004, o Plano

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICAS, INE, ESTATISTICAS SECTORIAIS – TURISMO, 1999

⁹⁹ MINISTERIO DO TURISMO (2004), PLANO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM MOCAMBIQUE, 2004 – 2013

¹⁰⁰ Ministério da Cultura e Turismo, Plano Estratégico do Turismo, 2015

Estratégico para o Desenvolvimento de Turismo em Moçambique (2004-2013), estando já em vigor o novo plano, também com mesmo período de validade. Com a criação do Ministério de Turismo, Política Nacional de Turismo e de Planos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique, registaram-se avanços significativos no turismo nacional. Contudo, para além da condição económica desfavorável para construção de infraestruturas, precisa-se aprimorar questões organizacionais, de forma a tornar as dificuldades em oportunidade.

Algumas oportunidades, desafios, vulnerabilidades e riscos do turismo em Moçambique

Oportunidades e desafios

Como já se referiu, o turismo foi definido como uma área prioritária para o desenvolvimento de Moçambique, acreditando que se pode tornar num destino turístico de nível nacional e internacional. Usar o turismo como um mecanismo para a diversificação e crescimento da economia proporciona, sem margem de dúvida, alguns benefícios, incluindo o aumento das receitas fiscais, criação de empregos, oportunidades para pequenas e médias empresas, desenvolvimento de competências, a sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento económico local, em especial, quando os bens e serviços são produzidos localmente.

As oportunidades são resultantes do facto do turismo envolver um conjunto diversificado de serviços. Com efeito, a actividade turística envolve um conjunto de serviços, entre as quais podemos identificar as vias de acesso que precisam estar transitáveis e bem sinalizados, as atracções naturais dos locais para visitas, o transporte, locais de hospedagem, alimentação, bem como locais para compras e entretenimento. Conforme Arendt¹⁰¹, os recursos gerados na actividade turística multiplicam-se pela economia, possibilitando: aumento da urbanização; incremento de indústrias ligadas à actividade turística; geração de emprego no sector de serviços turísticos, aumento dos investimentos e conseqüente geração de emprego no sector da construção civil; aumento da demanda por produtos locais (artesanatos, etc.); incrementa a entrada de divisas no país receptor; permite aumentar a arrecadação de impostos e taxas.

Com efeito, o turismo abrange várias relações que envolvem transporte, infraestrutura, hospedagem, alimentação, planejamento, recreação, dentre outros, esses elementos acabam comportando algumas características específicas dependendo do atractivo, da demanda e da oferta dos mesmos. Por este motivo o turismo pode provocar o desenvolvimento dos locais, no que diz respeito à infraestrutura de atendimento e de consumo aos visitantes, proporcionam, pelo deslocamento das pessoas, oportunidades de contacto com outras culturas.

¹⁰¹ ARENDT, E.J (1999) Introdução à Economia do Turismo. Campinas: Ed. Alínea.

Em áreas de conservação

Os parques, nacionais, regionais ou naturais, são, independentemente de sua natureza ou estatuto, a melhor tentativa para conservar parcelas do meio protegido do homem: a iniciativa desta política de parques vem dos Estados Unidos da América, que desde 1872 criaram o Parque Nacional de Yellowstone¹⁰². Mesmo que a relação entre o turismo e as áreas de conservação seja vista por muitos autores como conflituosa, dada a diferença de interesses, acredita-se que o turismo possa participar na valorização e conservação das mesmas. Com efeito, turismo e ambiente podem ser considerados como concorrentes, mas na realidade somos forçados a constatar que eles são antes de mais nada complementares, partindo do princípio que o homem sente a necessidade de conservar maioria dos atractivos que o atraem.

O turismo tem um grande peso no ambiente. Isto produz-se em duas ocasiões: primeiro, no momento da deslocação do turista, em seguida, se juntam as modificações que esta provoca nos espaços das práticas turísticas. A sobrecarga momentânea devido ao afluxo de turistas marca profundamente alguns espaços naturais. O turismo funciona como incentivo à preservação e manutenção de espaços naturais, locais históricos e arqueológicos que constituem atracções para turistas, que, provavelmente, de outra forma, poderiam ser deteriorados ou até mesmo desaparecer.

O turismo funciona como incentivo para manter o meio ambiente agradável como um todo através do controle do ar, da água, da poluição sonora, de problemas com o lixo. Também, pode incentivar a melhoria da estética ambiental por meio de programas de paisagismo, *designs* adequados de construções e melhor manutenção.

A infraestrutura local de rodovias, sistemas de água e esgoto, telecomunicações e outras podem, e em geral, é otimizada através do desenvolvimento do turismo, o que traz benefícios económicos e ambientais. Embora este seja um benefício mais subjectivo, o desenvolvimento de instalações turísticas bem projectadas pode promover melhorias em paisagens naturais ou urbanas que, de outra forma, podem apresentar-se tediosas e desinteressantes. Em Moçambique, a cobrança de entradas e outras taxas associados ao ecoturismo tem contribuído para suplementar os orçamentos governamentais existentes e fornecer incentivos para conservação. Neste âmbito está estabelecido que 20% das receitas auferidas pela exploração de recursos devem ser direccionadas às comunidades residentes da reserva.

Para a cultura

Operadores turísticos internacionais entrevistados revelam como áreas preferenciais de Moçambique para a promoção em seus mercados essencialmente destinos ligados a praias como

¹⁰² ESCORROU Pierre. *Tourisme et Environnement*. Paris : Sedes, 1993

Vilanculos, Bazaruto, Inhambane, Pemba, Quirimbas e Ponta do Ouro. No que respeita a experiências de Natureza terrestre, apenas Gorongosa foi referida¹⁰³. Este facto revela, pelo menos não explicitamente, que não existe interesse dos operadores em relação ao património construído ou aos aspectos culturais em geral. No entanto, considerando que quando se fala de turismo refere-se a lugares e sobretudo a pessoas, então significa que os elementos culturais de uns e de outros estão sempre presentes. Por isso, ao enumerarem os lugares, destacando as componentes naturais, implicitamente se referem aos homens e conseqüentemente à componente cultural, mesmo que não sejam esses os motivos principais das viagens. Cultura deve, assim, ser entendida como a totalidade do modo e do estilo de vida de um povo ou comunidade.

Documentos oficiais de Moçambique como Política do Turismo, Estratégias de sua Implementação, Plano estratégico para o desenvolvimento do turismo entre outra documentação avulsa, referem “*mosaico cultural único com reflexo da fusão Africana-Portuguesa-Asiática-Árabe*” como característica potencial para o desenvolvimento de um turismo cultural. Os mesmos documentos referem como recursos turísticos culturais: a Ilha de Moçambique, património cultural Mundial pela UNESCO desde 1991, a *Timbila* e o *Nhau –Gule Wankulu* declaradas obras primas do património cultural da humanidade; o mapico, o tufo, o xigubo, a marrabenta e outras expressões como o artesanato, a gastronomia e outras constituem recursos culturais emblemáticos.

Ora, de facto não se está em face de recursos turísticos, pois os mesmos ainda não foram colocados ao serviço do turismo, constituem apenas elementos complementares, ou se quisermos a “decoração” ou um adereço, já que estes, pelo menos por enquanto, não constituem propriamente matéria-prima do turismo. No entanto, assiste-se a um interesse expresso de se incrementar o turismo cultural, ao serem propostas acções de promoção e de divulgação do património cultural moçambicano, através de festivais e eventos culturais como exposições de arte e artesanato e feiras gastronómicas, procurando-se, simultaneamente contribuir para o fortalecimento das identidades culturais e para o desenvolvimento económico e social das comunidades locais.

Apontando-se como locais de maior potencial para o turismo cultural a cidade de Maputo, e a Ilha de Moçambique, por se tratar de lugares com maior concentração de obras e monumentos, retractando a história de Moçambique colonial. Ademais, reforçando esta ideia, De Carvalho e Nóbrega¹⁰⁴ (2012) referindo Wainberg reconhecem o turismo principalmente como uma experiência comunicacional directa entre turistas e população local, classificando a actividade como a “*indústria da diferença*”. Por isso, ao atribuir à cultura local, tangível e intangível, um papel

¹⁰³ Ministério da Cultura e Turismo. 2015, Op. Cit.

¹⁰⁴ DE CARVALHO E NOBREGA, Um caminho possível: cultura como factor de desenvolvimento no alinhamento do turismo à economia da cultura in CORIOLANO, LN, (orgs). *Turismo, cultura e desenvolvimento* [online]. CampinaGrande:Eupeb,2012.[consultado em 1/02/2020] <https://static.scielo.org/scielobooks/7y7r5/pdf/brasileiro-9788578791940.pdf>.

integrante do produto turístico, espera-se que o mesmo seja competitivo, opondo-se à cultura globalizante. Aspectos da cultura moçambicana mesmo não sendo privilegiados pelos operadores turísticos sempre estiveram disponíveis como manifestações locais dos quais o turismo se beneficia. Ademais, se considerarmos por exemplo, o artesanato, os artesãos sempre procuraram tirar benefícios da actividade turística a partir do interesse que as suas obras despertavam nos turistas. Por isso, a estratégia encontrada foi a de se fixarem na proximidade dos locais de alojamento dos visitantes.

Para o turismo de negócios

Relativamente ao turismo de negócios, Maputo encontra-se relativamente a outras regiões do país numa situação privilegiada. O facto de Maputo ser a capital do país e de ser a principal porta de entrada para o país, funcionando como porta giratória, as oportunidades são acrescidas. Com efeito os dados disponíveis revelam que as mesmas foram e estão sendo aproveitadas pelos investidores. Para além dos factores já referidos, a cidade de Maputo, comparativamente a outras províncias e destinos turísticos do país apresenta muitas outras vantagens, designadamente a proximidade relativamente ao principal polo emissor do turistas em Moçambique, melhor apetrechada no que que em materiais e equipamentos sociais diz respeito, um mercado de recursos humanos mais rico e diversificado, uma rede comercial mais complexa e diversificada, uma rede de transportes mais completa, entre outros atributos. Por isso, parece evidente que os investidores procurem tirar proveito destas condições vantajosas e participem, assim, mais activamente no seu desenvolvimento. Ora este facto, contribui para o aumento dos desequilíbrios entre as províncias e regiões do país. Desequilíbrios que, por seu turno têm contribuído para que a cidade de Maputo seja um importante polo de atracção de imigrantes provenientes de outras províncias de países vizinhos.

Assim, deste modo de desenvolvimento emerge o desafio de promover o desenvolvimento de outras regiões do país. Convém, a este propósito referir que o *boom* de recursos naturais e o desenvolvimento de megaprojetos constituem uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo em geral e em particular no chamado segmento de negócios. Com efeito, o crescimento do sector hoteleiro e de alojamento em geral na província de Tete, constitui uma resposta às necessidades inerentes ao crescimento do sector mineiro. Mesmo que ainda continue insuficiente.

Vulnerabilidades e riscos

A localização geográfica de Moçambique é um dos principais factores que contribui para a vulnerabilidade do país aos eventos extremos, na medida em que alguns dos ciclones tropicais e depressões são formados no Oceano Índico, atravessam o Canal de Moçambique e afectam a zona

costeira, que aliás, como já foi referido é onde se concentra a maioria da população, as principais cidade do país e por consequência, grande parte das actividades económicas, como é o caso do turismo.

Por outro lado, como já foi igualmente referido, o país apresenta uma extensa linha da costa, sendo atravessado pela maior parte dos rios internacionais que têm como desaguadouro o Oceano Índico, facto que faz com que algumas áreas costeiras estejam sujeitas a cheias e inundações. Neste sentido, constituem exemplos destes fenómenos as cheias que tiveram lugar nos anos 2000 e 2001 no Sul e Centro de Moçambique respectivamente¹⁰⁵ que tiveram um efeito nefasto. No ano passado, não podemos deixar de referir aos ciclones *Idai* e *Keneth* que afectaram as regiões centro e norte do país, tendo destruído muitas infra-estruturas públicas e privadas. Situações como estas, provocadas por desastres naturais afectam não apenas as actividades directamente associadas ao turismo, mas toda a cadeia de produção e oferta de bens e serviços, facto que evidencia o grau de inter-relação da indústria do turismo com outros sectores e revelando, ademais a sua dependência do funcionamento de infra-estruturas públicas.

Matavel¹⁰⁶ citando SETSAN, refere que dados históricos mostram que quatro eventos são mais prováveis de ocorrer em Moçambique, nomeadamente: cheias, ciclones tropicais, secas e epidemias. Em termos da vulnerabilidade os dados históricos mostram que as regiões Centro e Sul do país são as que apresentam maior vulnerabilidade aos riscos de cheias, secas e ciclones tropicais. Que ciclones, tempestades e depressões tropicais são uma característica sempre presente na estação de verão no Sudoeste do Oceano Índico e no Canal de Moçambique, este facto faz com que o país seja mais vulnerável a este perigo climático. Todos os anos, esta região produz cerca de 10% de todos os ciclones do mundo. Os ciclones tropicais que se formam nesta zona atingem Moçambique em média uma vez por ano, enquanto as depressões de menor intensidade ocorrem três a quatro vezes por ano. Situações catastróficas como estas, suscitam uma série de questões sobre as infra-estruturas urbanas, vias de transporte, segurança pública em situações de emergência, além do fenómeno que causou a tragédia.

Para terminar, não podemos deixar de referir que desde de princípios deste ano, com o Pandemia COVID 19, entre os diferentes sectores económicos, o turístico tem sido um dos mais afectados, tal facto fica a dever-se às medidas tomadas a nível internacional, regional e local com vista à redução da mobilidade geográfica. Ora, considerando que as facilidades turísticas como hotéis e outras formas de alojamento, restaurantes entre outras, foram criadas essencialmente para servir viajantes internacionais e nacionais, pode-se facilmente compreender como os mesmos estão

¹⁰⁵ MICOA, National Adaptation Programme of Action (NAPA). *In*: MICOA (ed.). Maputo, 2007.

¹⁰⁶ MATAVEL, Alberto Júnior, Vulnerabilidade da comunidade de Zongoene às alterações climáticas, Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente, Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro. 2012.

a ser afectados. Esta situação afecta não apenas o sector turístico directamente, mas toda a sua cadeia produtiva.

Considerações Finais

Moçambique está fortemente engajado com o turismo acreditando possuir grande potencial para o desenvolvimento da actividade. Esta crença, justifica-se pelo facto de a natureza ter sido favorável: proporcionando-lhe uma boa localização, uma costa extensa com cerca de 2500 km de extensão, com uma combinação de praias com areias finas e brancas, rochas. Para além desta componente natural, Moçambique conta ainda com um mosaico cultural singular fruto da sua história, que mais uma vez tem a sua explicação, em parte na sua localização geografia. Na região apresenta-se como uma ilha linguística, já que é circundado por países anglófonos. Assim, as oportunidades para o desenvolvimento do turismo são muitas e diversificadas, a maioria das quais resultantes das condições físico-naturais, às quais se juntaram aspectos de natureza cultural, que se beneficiaram da extensa abertura para o oceano Indico.

Os desafios são igualmente significativos, resultando os mesmos da capacidade limitada deste espaço em responder às necessidades e exigências do turismo. Este facto prende-se com o baixo nível de desenvolvimento que o país apresenta, caracterizado por apresentar carências a todos os níveis e em todos os sectores. Esta reduzida capacidade de resposta local e nacional, conduz ao crescimento do investimento externo, contribuindo para o crescimento da dependência externa. Além disso, convém referir o seguinte se a localização geográfica de Moçambique constitui um dos seus elementos mais favoráveis e que o permite ter vantagens comparativas em relação a alguns sectores, ela constitui também uma das principais condições que contribui para a vulnerabilidade do país, sobretudo em relação a eventos extremos como por exemplos ciclones que afectam as áreas costeiras que são privilegiadas pelo turismo. Aumentando igualmente a propensão para a ocorrência de inundações. Assim, o desenvolvimento do turismo envolve alguns riscos, alguns dos quais resultantes da própria essência desta actividade, caracterizada por ser alimentada por viajantes, visitantes, ou seja, indivíduos “estranhos aos destinos turísticos”. Não havendo viagens, o turismo pára, o que tem implicações em todas as áreas com as quais o turismo tem relação.

Referências Bibliográficas

- ARENDRT, E. J. Introdução à Economia do Turismo. Campinas: Ed. Alínea, 1999.
BONIFACE, B.G. e COOPER, C.P, The geography of travel and tourism, Oxford: Butterworth-Heinemann, 1993.

- BRAGA et all. Avaliação de metodologias de mensuração de risco e vulnerabilidade social a desastres naturais associados à mudança climática. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CARVALHO, L. C, P e VASCONCELLOS, M. A. S. Introdução à economia do turismo. São Paulo: Saraiva, 2006.
- CARVALHO E NOBREGA, Um caminho possível: cultura como factor de desenvolvimento no alinhamento do turismo à economia da cultura in CORIOLANO, LN, (orgs). *Turismo, cultura e desenvolvimento* [online]. Campina Grande: Euepb, 2012. [consultado em 1/02/2020] in <https://static.scielo.org/scielobooks/7y7r5/pdf/brasileiro-9788578791940.pdf>.
- COOPER, C. Turismo: princípios e práticas. 2. ed. Porto Alegre (RS): Bookman. 2001.
- COSTA, J. Almeida e Melo, A. Sampaio, Dicionário da língua portuguesa, 6ª edição, Porto editora.
- ESCORROU P. *Tourisme et Environnement*, Paris: Sedes, 1993.
- GUAMBE, José. Turismo na Zona Costeira de Inhambane, Maputo:UEM. 2007.
- HAHN, Micah; RIEDERED, Anne; FOSTER, Stanley. The Livelihood Vulnerability Index: A pragmatic approach to assessing risks from climate variability and change-a case study in Mozambique (pp 74-88) in *Global Environmental Change*, vol19. Elsevier, 2009 [Cosultado a 18,03, 2020], <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S095937800800112X>
- INE, Instituto Nacional de Estatísticas, Estatísticas Sectoriais - Turismo, M 1999.
- INE, Instituto Nacional de Estatísticas, Anuário Estatístico 2018, 2019
- INGC, Instituto Nacional de Gestão de Calamidades. Relatório Principal: Relatório do INGC sobre Alterações Climáticas: Estudo do Impacto das Alterações Climáticas no Risco de Desastres em Moçambique. In: ASANTE, K., BRUNDRIT, G., EPSTEIN, P., FERNANDES, A., MARQUES, M.R., MAVUME, A., METZGER, M., PATT, A., QUEFACE, A., SANCHEZ DEL VALLE, R., TADROSS, M., BRITO, R. (eds.), INGC, Moçambique, 2009.
- LEIPER, N. The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*, vol.6. 4. (pp 390-407). Department of habitational Resources, University of Wisconsin-stout, 1979.
- MATAVEL, Alberto Júnior. Vulnerabilidade da comunidade de Zongoene às alterações climáticas, Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente, Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro. 2012
- MICOA, National Adaptation Programme of Action (NAPA). In: MICOA (ed.). Maputo, 2007
- MINISTERIO DA CULTURA E TURISMO, Plano Estratégico para o desenvolvimento do turismo em Moçambique. 2015
- MITUR, MINISTERIO DO TURISMO, Plano Estratégico para o desenvolvimento do turismo em Moçambique, 2004-2013, Maputo, 2004
- MITUR MINISTERIO DO TURISMO, 2003
- MITUR, MINISTERIO DO TURISMO, 2002
- MITUR, Ministério do Turismo, Plano estratégico para o desenvolvimento do turismo em Mocambique, 2004-2013. Maputo, 2004
- MUCHANGOS, Aniceto. Moçambique, paisagens e regiões naturais, Maputo:INDE, 1999.
- OMT, Organización Mundial del Turismo, Concepts, Definitions and Classifications for Tourism Statistics: a Technical Manual, Madrid, 1995
- PEARCE, Douglas, *Géographie du Tourisme*. Paris: Nathan, 1993.